

XOÁN GONZÁLEZ-MILLÁN:
A PROJEÇÃO DE UM PENSAMENTO CRÍTICO

ARTURO CASAS, ISAAC LOURIDO
E CRISTINA MARTÍNEZ (EDS.)

ATRÁS
editora



XOÁN GONZÁLEZ-MILLÁN: A PROJEÇÃO DE UM PENSAMENTO CRÍTICO

1ª edição, setembro 2023

© 2023 AGAL

© As autoras e os autores

Associação Galega da Língua
Santiago de Compostela (Galiza)

atraves@a.gal

www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-16545-87-2

DL: C 1246-2023

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Víctor Giadás

ADAPTAÇÃO E REVISÃO TEXTUAL: Joana Palha e Víctor Giadás

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: Artemio Lándoa

DIAGRAMAÇÃO: Miguel Durão

IMPRESSO NA GALIZA: Sacauntos Cooperativa Gráfica

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

ÍNDICE

- Arturo Casas, Isaac Lourido e Cristina Martínez:
«González-Millán: Trajetória, relevância e atualidade» | 9
- Helena González: «Notas para ler (como feminista) *Resistencia cultural e diferencia histórica*» | 25
- Álex Alonso Nogueira: «Discurso, hegemonia e linguagem:
González-Millán e a teoria da cultura galega» | 45
- Arturo Casas: «Sociologia histórica e sociocrítica
em González-Millán: configurações a partir da diferença
histórico-cultural» | 69
- María Liñeira: «O consorcio dos múltiplos diálogos:
O pensamento de Xoán González-Millán a respeito do critério
filológico no exílio republicano galego» | 95
- Pablo Pesado: «‘Do nacionalismo literario a unha literatura
nacional’, três décadas depois: continuidades, transformações,
aberturas» | 113
- Isaac Lourido: «O estudo do campo editorial galego na obra
de Xoán González-Millán. Uma leitura crítica a partir da
cultura da normalização» | 133
- María do Cebreiro Rábade Villar: «A última lição do mestre.
História de um curso sobre teoria cultural» | 157
- Bibliografía de Xoán González-Millán | 173
- Notas bio-bibliográficas | 179

**GONZÁLEZ-MILLÁN:
TRAJETÓRIA, RELEVÂNCIA E ATUALIDADE**

Xoán González-Millán faleceu em novembro de 2002 num acidente de trânsito, nos Estados Unidos, país em que desenvolveu a sua trajetória profissional e ao qual emigrara vinte e seis anos antes. Deixava atrás de si uma singular e significativa produção académica, uma participação institucional notável e uma comunidade de afetos à sua volta que emergiu com especial intensidade nos tempos imediatamente posteriores àquela data. A organização deste livro pouco mais de vinte anos depois da sua morte, marco que de certa maneira quis ser assinalado, colocou como foco inicial de interesse a dimensão propriamente investigativa, nos planos teórico, crítico e aplicado. Porém, no conjunto de contributos finalmente reunidos acabaram por vir à tona, com relativa frequência e por vias diferentes e complementares, focos de atenção ligados também às posições e às várias iniciativas institucionais em que participou, tanto na Galiza como nos Estados Unidos, e ao plano pessoal e afetivo, declinado em termos de admiração, cumplicidade ou reconhecimento como mestre.

A tentativa de reconstruir uma trajetória abrangente e plural de Xoán González-Millán, que sirva neste caso como apresentação para públicos não familiarizados com a sua obra, ou como sistematização para quem conhece toda ou parte da sua produção, apresenta alguns entraves que devem ser especificados. O primeiro deles tem a ver com o facto de carecermos, por enquanto, de uma aproximação biográfica suficientemente completa da sua figura, que transcenda, complete ou organize o que nos dizem as badanas dos livros, o que foi apontado nas várias necrológicas ou o que informam alguns materiais criados na sua localidade natal, Ogrove, por uma comissão que impulsionou a sua nomeação como Filho Predileto da vila, a título póstumo, em 2003. O segundo obstáculo está ligado à complexidade e à relativa dispersão da sua produção, organizada à volta de um interesse sócio-histórico pelas práticas literárias e culturais mas,

a partir dessa referência global, despregada em múltiplos focos de atenção e com desenvolvimentos mais ou menos concretos, mais ou menos concetuais, mais ou menos pragmáticos ou performativos em termos de uma determinada incidência académica e social.

De González-Millán sabemos que nasceu em 1951 no seio de uma família de classe trabalhadora e, de acordo com a narrativa construída de uma perspetiva mais concretamente local, por pessoas como Antón Mascato, que mostrou desde muito cedo interesse pelas formas de cultura popular e pelo percurso histórico da literatura galega. No referido à sua formação superior, no publicado até agora há contradições, por exemplo em questões tão elementares como qual foi a instituição académica em que se graduou em Filosofia. Embora fez uma parte desses estudos na Universidade de Santiago de Compostela, nalgum esboço biográfico indica-se que foi em Madrid, na Universidade Pontifícia Comillas, da Companhia de Jesus, onde obteve o título, enquanto nas orelhas dalgum dos seus livros é referido (cabe conjecturar que por mão do próprio autor) que isso aconteceu já nos Estados Unidos. Também não é muito o que sabemos sobre a etapa formativa anterior, compatibilizada por necessidades económicas familiares em idade juvenil com o desempenho de algumas ocupações laborais sazonais.

Imprecisões análogas pairam sobre a que iria ser uma decisão fundamental na vida e no percurso intelectual de Xoán González-Millán: a migração aos Estados Unidos e os planos e incertezas associados na origem. Parece claro que nessa opção foi importante a emigração anterior de um irmão mais velho à cidade de Nova Iorque, onde continuava a residir quando o futuro investigador chegou em 1976 para trabalhar como documentalista na Dag Hammarskjöld Library da Organização das Nações Unidas. Embora o primeiro dos seus artigos conhecidos seja da mesma época — um texto publicado em 1978 na revista *Encrucillada*, em que abordava uma questão que continuaria a ser importante em toda a trajetória do autor: o nacionalismo —, só iniciou o caminho da investigação propriamente dita um

pouco mais tarde.¹ Começou os estudos de mestrado em 1982 no Graduate Center da City University of New York (CUNY), onde obteve o grau de doutor cinco anos mais tarde com uma tese intitulada *Proceso textual y desintegración narrativa en la novelística de Álvaro Cunqueiro*. Do processo de elaboração desse trabalho e do mesmo resultado derivou-se um extenso corpus de publicações — até três livros e mais de uma dezena de artigos em revistas científicas — que durante a década de 1980 e inícios da seguinte abordaram tanto a trajetória narrativa de Cunqueiro como uma aplicação específica, a diferentes objetos de estudo, do quadro teórico-metodológico criado à volta da noção de *intertextualidade* no âmbito dos estudos literários pós-estruturalistas.

Os mesmos anos 80 mostrar-se-iam fecundos para a integração de González-Millán no sistema institucional da universidade norte-americana. A partir de 1985 começou a dar aulas no Hunter College da CUNY, instituição na qual, andando o tempo, chegaria a ser catedrático de Literaturas Hispânicas e diretor do seu Departamento de Línguas Românicas. A sua experiência docente alargou-se posteriormente ao Graduate Center da CUNY, em cujo âmbito coordenou uma Cátedra de Estudos Galegos, a primeira destas características na academia estado-unidense e local de acolhida para um bom número de investigadores procedentes da Galiza a partir daquela altura. O desejo de planificação internacional dos estudos galegos motivou a sua participação na fundação, em 1985, da Associação Internacional de Estudos Galegos, instituição que presidiu de 1988 a 1991. Se bem que o projeto foi inicialmente pensado para coordenar investigadores e investigadoras dedicadas aos estudos sobre literatura e sobre cultura galegas na universidade norte-americana, posteriormente, e até a atualidade, acabou por se constituir como ponto de encontro internacional e interdisciplinar para os estudos galegos.

¹ Uma relação completa da bibliografia de González-Millán pode ser consultada no último capítulo deste livro. Está baseada no trabalho prévio da *Páxina González-Millán* (<http://webpersoais.usc.es/persoais/arturo.casas/XG-M.html>), disponibilizada desde 2013 no espaço pessoal de Arturo Casas no site da Universidade de Santiago de Compostela.

Do acima referido, podemos retirar que no caso de González-Millán se faz evidente o contraste entre as determinações socioculturais familiares e o que Pierre Bourdieu analisaria como as suas disposições individuais e a racionalidade prática associada às responsabilidades académicas. Conduziram estas, depois de três lustros de imigração em Nova Iorque, à consolidação de uma bem-sucedida carreira universitária na City University of New York, de acordo com o percurso agora resumido. Para que isto frutificasse foram decisivos os conselhos e a mediação do professor Emilio González López, deputado antes da Guerra Civil pela ORGA e por Izquierda Republicana, como também a boa acolhida doutros professores igualmente marcados pela condição do exílio, a começar pelo orientador da sua tese de doutoramento, Thomas Mermall, e por quem foi um dos seus principais mentores na universidade nova-iorquina, Isaías Lerner. Nesse quadro temporal que foi mencionado, o prestígio e a consagração académicos representaram um incremento paulatino e constante de capital cultural e de capital simbólico, inicialmente em universidades como a própria e noutras mais ou menos próximas da costa leste estado-unidense, e desde os começos da década de 90 também noutros espaços académicos anglo-saxões e, com certeza, na própria Galiza.

De facto, a vontade de planificação institucional dos estudos galegos, sempre num sentido orientado para a atualização e a internacionalização, acabou por concretizar-se num projeto desta beira do Atlântico: o *Anuario de Estudios Literarios Galegos*. Esta revista, por ele ideada e dirigida nos primeiros anos, viu a luz em 1992 e completou um percurso de pouco mais de 15 anos em que, para além de acolher balanços críticos anuais da produção literária galega, foram publicados artigos de investigação norteados, globalmente, por uma certa ideia de inovação metodológica. A assinatura de González-Millán nas páginas da revista foi habitual, mas não por isso deixou de ter uma participação regular noutras publicações galegas ou dedicadas aos estudos galegos na mesma época, nomeadamente *A Trabe de Ouro* e, já de maneira mais pontual, *Viceversa*, *Grial*, *Cadernos de Lingua* ou *Galician Review*.

Muito provavelmente, algumas das pessoas com um conhecimento mais superficial da produção intelectual de González-Millán terão como obras referenciais do autor os dois livros publicados na década de 1990 — *Literatura e sociedade en Galicia (1975-1990)* (1994) e *A narrativa galega actual (1975-1984). Unha historia social* (1995) —. Na verdade, essas duas publicações constituem apenas a cara mais visível e mais acessível de um ciclo de investigação mais alargado e frutífero, dedicado à construção de um modelo de análise institucional para a abordagem sócio-histórica das produções textuais e das condições sistémicas em que se desenvolveu a literatura galega no novo quadro político-administrativo configurado depois do franquismo. Nesse ciclo integraram-se investigações dedicadas a assuntos mais concretos como os géneros literários, os novos modelos narrativos desenvolvidos na década de 1980, a interação entre planificação literária e produção ideológica, as antologias como dispositivos de ordenação crítica e historiográfica ou, entre alguns outros, o desenvolvimento de um campo e de um mercado editoriais galegos.

No trecho final da sua trajetória, a produção de González-Millán enfrentou um último desafio: desenhar uma teoria crítica especialmente pensada para estudar formações culturais marcadas pela subalternidade histórica, como a galega. Este novo patamar intelectual teve a sua origem, em boa medida, na relativa superação dos paradigmas sistémico-institucionais aplicados nos anos precedentes, mas também numa certa descentralização dos processos de produção textual e literária como objeto de estudo. O livro em que se observa de forma mais clara este horizonte de trabalho, *Resistencia cultural e diferencia histórica* (2000), constitui basicamente uma revisão crítica de leituras e corpos teóricos, como os devidos a Antonio Gramsci, E. P. Thompson ou Mikhail Bakhtin, entre bastantes outros. Com certeza, tratava-se do primeiro passo, processual e auto-reflexivo, de uma nova orientação que, infelizmente, não pôde ser continuada. Contudo, nessa mesma época de finais do século XX, e ainda em anos posteriores à sua morte, viram a luz trabalhos em que dava continuidade às linhas preferidas em anos precedentes e em que,

para além disso, se abriu a campos de investigação relativamente inéditos no seu percurso académico, como a relação entre lexicografia e literatura galega em finais do XIX e inícios do XX, a literatura do exílio ou a exploração do paradigma sociocrítico.

As três dimensões inicialmente apresentadas nesta introdução — produção académica valiosa, intensa ação institucional e comunidade de afetos ligada à sua pessoa — estiveram presentes numa série de homenagens promovidas após o seu falecimento, época em que também foram publicados alguns trabalhos inéditos da sua autoria. No VII Congresso Internacional de Estudos Galegos, que decorreu em Barcelona em maio de 2003, foi organizada a mesa redonda “Homenaxe a Xoán González-Millán”, em que participaram Camiño Noia, Arturo Casas, Víctor Fuentes e Helena González, antiga colaboradora do homenageado. Uma iniciativa de similares características foi programada em 2009 no âmbito do IX Congresso da mesma Associação Internacional de Estudos Galegos, o primeiro que tinha lugar na Galiza. Tratou-se, nesse caso, de uma sessão intitulada “O legado de González-Millán no pensamento galego do século XXI”, coordenada por Gabriel Rei-Doval e em que participaram pessoas com quem González-Millán tinha colaborado muito estreitamente, como Antón Figueroa ou Dolores Vilavedra, o seu discípulo mais notável, Álex Alonso, e Arturo Casas.

Na própria CUNY foi organizado em setembro de 2003 um simpósio na sua memória, sob o título “Entre o nacionalismo literário e a literatura nacional”, e participaram nele um nutrido grupo de especialistas de diferentes procedências — alguns deles de reputado prestígio internacional, como Isaiás Lerner ou Itamar Even-Zohar —, todos os quais ligados de uma ou outra forma ao falecido professor. Os contributos daquele evento, junto com outros textos complementares, foram publicados no *Anuario de Estudos Literarios Galegos* do ano 2002, e constituem no seu conjunto uma primeira amostra das múltiplas possibilidades de diálogo que deixara abertas o percurso investigativo de González-Millán. Diálogo que, por outro lado, teve uma continuidade muito irregular até ao dia de hoje.

Se quisermos agora dimensionar a relevância global da sua trajetória, não deveríamos esquecer que o seu prestígio se fundamentou em vários fatores, alguns de carácter sobretudo profissional e outros que, sem ultrapassarem esse cenário, acrescentaram dimensões político-culturais. Entre os primeiros, um profícuo compromisso docente, muitas vezes reconhecido por alunado e discipulado, e a capacidade de abrir e assentar variadas formas de comunicação e estímulo com os seus estudantes, acompanhado isto por uma provada capacidade de interlocução e colaboração com outros colegas em tarefas orgânicas, de gestão e de planificação académicas. Entre os segundos, e sem sair tanto disto último, uma profunda compreensão, já desde os maduros primórdios da sua dedicação à academia, das funções e tarefas que estava disposto a assumir no meio e no longo prazo e a consciência associada do esforço pessoal — também do coletivo — que isso acabaria por representar.

De facto, para quem mantivessem contacto em maior ou menor medida fluído com González-Millán na década de 90, em especial a partir do momento da ativação das possibilidades oferecidas pelo correio eletrónico, houve duas constantes que era quase impossível não localizar nas suas mensagens: uma era o seu entusiasmo irrestrito pelo trabalho reflexivo e analítico, que convidava constantemente a alimentar, promover e dinamizar; a outra, a firme convicção sobre a necessidade de inovar os quadros epistemológicos, teóricos e metodológicos dos estudos sobre a literatura e a cultura, muito particularmente na sua projeção sobre o caso galego à luz da diferença histórico-cultural e com o foco posto na nossa concreta experiência histórica nacional. Tudo sob a segurança de que esse labor redundaria numa ativação da hegemonia nacional galega e na necessária reversão criativa e transformadora — em termos sociopolíticos, económicos e culturais — de uma longa subalternidade histórica e da própria experiência daquele «mal histórico» tantas vezes aludido nas suas reflexões e análises.

Não parece improvável que as disposições que se mencionam procedessem da sua própria experiência pessoal da emigra-

ção, do conhecimento de primeira mão do significado dos exílios e em geral das dificuldades para recomeçar e renovar-se de não existir um projeto ou um programa meditado, assumido e testado à vez com sentido prático e o mínimo débito escolástico.

O inusual, e ainda excepcional, da sua experiência dentro das coordenadas acadêmicas geracionais que lhe seriam próprias procederia então nomeadamente, e não deixa de ser curioso, da formação e das influências não recebidas, que em última instância são as que na universidade galega originaram, a partir da década de 70, um campo académico densamente homogêneo, por divergentes que se mostrassem alguns resultados e inclinações (mesmo ideológicas), e no referido aos estudos literários condicionado por uma filiação filológica inercialmente congruente com a estilística idealista, aberta como muito a certo estruturalismo e a certa semiótica, mas pouco propenso a estabelecer diálogos francos com outras disciplinas humanísticas e, em particular, com as ciências sociais e com a própria história — uma ciência social mais, em perspectiva marxista —, fora alguns intentos sociológico-literários ou, noutra ótica, sociologistas.

Dir-se-ia que González-Millán aspirou a se situar diante de tudo isto já desde a sua tese de doutoramento, escrita nuns anos em que os rumos e os ritmos metodológicos eram sensivelmente diferentes na academia estado-unidense e na galega. As páginas introdutórias da tese revelam a ambição crítica de fundo, naquela encruzilhada, através de uma pulsão de quebra metodológica, mais ampla do que a lógica académica do momento impunha concretizar. Falava-se assim da urgência de superar determinados padrões críticos, interpretados nalgum caso como acomodatórios, mesmo caducos. Entre esses usos assinalava os da narratologia estruturalista, insuficientes para explorar o tecido intertextual e interdiscursivo dos romances de Álvaro Cunqueiro em toda a sua complexidade e instabilidade, a começar pelo seu característico cunho auto-generativo e pelas repercussões que isso origina sobre as questões da ficção e da referencialidade narrativas. Um dos apoios necessários para esse labor era inevitavelmente o de Mikhail Bakhtin, com a sua compreensão

do dialogismo e a polifonia. Mas também é perceptível no modelo que González-Millán tinha naquela altura em mente, e que, como foi dito, não chega a desenvolver em sentido pleno, a abertura a uma análise crítica do discurso em que noções como *poder*, *hegemonia*, *experiência social*, *resistência* ou *subalternidade* pareciam já querer abrolhar, talvez da mão de uma leitura atenta de Raymond Williams e outros pensadores marxistas. E, junto a essa constelação conceitual, uma intelecção não em menor medida surpreendente para aquele momento, a da própria figura autoral e a do que desenvolvimentos recentes da análise do discurso vêm estudando nos últimos quinze anos em relação ao *ethos*, as «posturas de autor», as «cenas de enunciação» e as «imagens de si» no discurso.

Como ficou sugerido em páginas precedentes, a progressão do pensamento teórico-crítico do autor evoluiu durante a última década do século passado e favoreceu uma compreensão institucional da literatura e em particular da cultura literária, à vez que incidiu na vontade, sempre latente em González-Millán, de contribuir para delinear uma sociologia da literatura capacitada para dar conta, em compreensão interdisciplinar — conforme é frisado nas páginas iniciais do seu livro *Resistencia cultural e diferencia histórica* —, de situações políticas, económicas e socioculturais de subalternidade.

O caso específico da literatura e da cultura galegas atendeu-se assim num duplo plano: em primeiríssimo lugar, pelo seu interesse imediato para o investigador e para os seus interlocutores iniciais (nem sempre comparecentes no grau necessário); em segundo termo, pela aplicabilidade do modelo para situações nalgum sentido homólogas e não necessariamente circunscritas ao espaço europeu.

De ambos os planos deriva a relevância inegável do pensamento de González-Millán no momento histórico do seu desenvolvimento específico e para o nosso presente e o futuro próximo. As suas investigações dialogaram, em sucessivas encruzilhadas, com as epistemologias e com os modelos metodológicos fundamentais do seu tempo, frequentemente analisados e

refutados, em maior ou menor medida por não estarem capacitados para informar sobre realidades culturais demarcadas pela subalternidade e pela diferença histórica.

A incidência destes juízos e reflexões foi decerto mais destacada na altura da mudança de século do que hoje o seja. E isto tanto na investigação que se faz no âmbito académico estritamente galego, em termos territoriais, quanto no amplo espaço exterior dos estudos galegos em universidades de vários continentes. As agendas investigativas modificaram-se de forma apreciável nestas duas décadas, segundo se evidencia nalguns dos capítulos deste livro.

Aliás, as «resistências à teoria» nas suas diversas manifestações e as próprias inércias académicas de que se fez menção anterior contribuíram igualmente para que o discurso e análises de González-Millán não chegassem de modo suficiente onde deveriam ter chegado. É algo de que o próprio autor era consciente e que aparecia, invariavelmente de forma discreta, nas comunicações pessoais que manteve durante os anos 90. De algum modo, resultam significativas também a estes efeitos as mensagens enviadas a Carlos Casares entre 1988 e 1997, recuperadas por Dolores Vilavedra para o número 196 da revista *Grial* em 2012.

Segundo é factível constatar na distribuição de conteúdos derivada dos seus capítulos, este livro concilia atenções complementares sobre a produção decerto diversificada e sempre inovadora de González-Millán, por muito que o alvo principal fosse à partida o de contribuir para compreender essa produção — juntamente com o notório dinamismo da sua evolução — em termos sobretudo intelectuais, teórico-críticos e académicos. No volume na sua totalidade, mas também na repartição interna de propósitos que cada capítulo traça, oferece-se às leitoras a panorâmica de uma trajetória académica infelizmente breve (vinte anos escassos, afinal de contas), na qual destacaram por vezes aspetos de índole epistemológica ou (meta)teórica enquanto noutros casos a opção derivou às aplicações críticas e empíricas